

R ENCONTRO

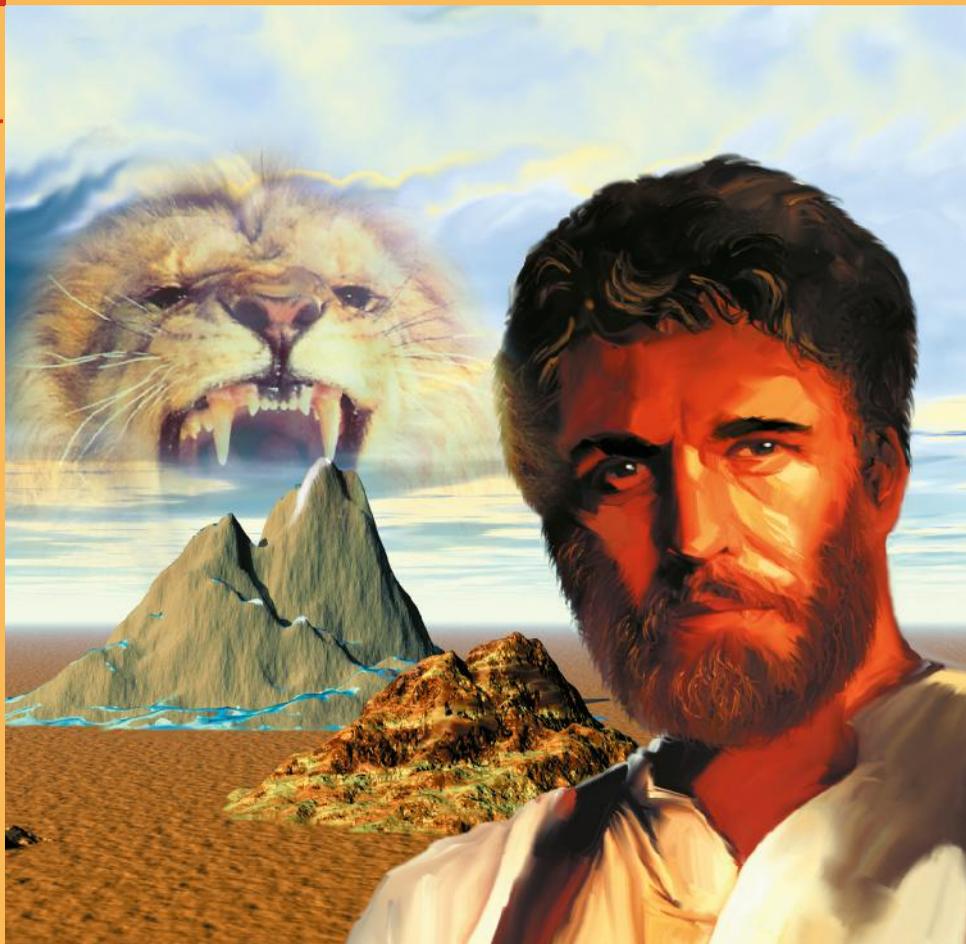
H. Rider Haggard

As minas do Rei Salomão

adaptação de
Werner Zotz

literatura

editora scipione



REENCONTRO
literatura

H. Rider Haggard

As minas do Rei Salomão

Tradução e adaptação em português de
Werner Zotz

Ilustrações de
**Claudio Morato e
Wanduir Duran**



editora scipione

Gerente editorial
Sâmia Rios

Editor
Antonio Hansen Terra

Revisoras
Maiana Ostronoff (estagiária)
Paula Teixeira
Rachel Holzacker

Editora de arte
Marisa Iniesta Martin

Programador visual de capa e miolo
Didier D. C. Dias de Moraes

Diagramador
Fábio Cavalcante

Ilustrações de capa
Wanduir Duran

Ilustrações de miolo
Claudio Morato



editora scipione

Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente:
(0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
atendimento@aticascipione.com.br

2019

ISBN 978-85-262-4772-7

CL: 734334
CAE: 220266

11.^a EDIÇÃO
16.^a impressão

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *King Solomon's mines*, de Henry Rider Haggard. Glasgow: William Collins, 1977.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Haggard, Henry Rider, 1856-1925.

As minas do Rei Salomão / H. Rider Haggard; adaptação em português de Werner Zotz. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literaria)

1. Literatura infantojuvenil I. Zotz, Werner. II. Título. III. Série.

97-0003

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

• • •

Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

• • •

SUMÁRIO

<i>Quem foi Haggard?</i>	4
1. Os companheiros de aventura	7
2. A lenda das minas do Rei Salomão.	13
3. Umbopa	19
4. Caçada aos elefantes.	24
5. O deserto.	30
6. Os Seios de Sabá	35
7. A terra dos kakuanas.	39
8. O terrível rei Tuala	46
9. Ignosi, o verdadeiro rei.	51
10. Feitiços e rituais macabros	55
11. A batalha da colina.	64
12. O fim de Tuala	68
13. Ignosi cumpre sua palavra	72
14. A Morada da Morte.	77
15. O tesouro do Rei Salomão	80
16. No ventre da montanha.	87
17. Despedidas	93
18. Um último milagre.	97
<i>Quem é Werner Zotz?</i>	104

QUEM FOI HAGGARD?

Na segunda metade do século passado, muitos ingleses se deslocavam para terras distantes de seu país, na qualidade de militares e comerciantes. Isto porque a Inglaterra, país pioneiro na criação do sistema de produção em escala industrial (Revolução Industrial, 1780), produzia mais mercadorias do que lhe era possível consumir. Partiam eles então em busca de novos mercados, que dessem vazão a esse excedente de produção, bem como abastecessem de matérias-primas suas indústrias. Um deles foi a África: esse continente foi retalhado e explorado pelas potências europeias, ao longo de todo o século XIX e início do século XX, segundo seus interesses.

Sir Henry Rider Haggard foi um típico membro das classes enriquecidas que administravam e exploravam o imenso império colonial constituído pela Inglaterra nesse período. Nascido em Norfolk em 1856, filho de um advogado e neto de um alto funcionário da Companhia das Índias Orientais (empresa destinada à exploração do comércio com as colônias e os países submetidos ao poderio econômico e militar dos ingleses), recebeu excelente educação escolar, tendo tido ainda preceptores que o assistiram durante todo o rigoroso processo da sua formação. Já aos 19 anos de idade começou a servir aos interesses ingleses em suas possessões conquistadas no sul da África.

Nesse período o Império Britânico continuava se expandindo em terras africanas: o alvo agora era a região do Transvaal (parte da atual África do Sul), onde haviam sido descobertas jazidas de ouro e diamantes. Como esse território era ocupado pelos holandeses, iniciou-se um conflito no qual os ingleses foram vitoriosos, anexando-o em 1877. Após atingir seus objetivos, a Inglaterra enviou uma comissão administrativa ao local, da qual Haggard, então com 21 anos, fazia parte.

Foi ele quem pessoalmente hasteou a bandeira de seu país na nova possessão, passando a ocupar o cargo máximo em seu supremo tribunal.

Voltando a Norfolk dois anos depois, casou-se com a filha de um militar inglês e, de volta ao Transvaal, testemunhou sua rendição aos holandeses. Decepcionado, escreveu seu primeiro livro, *Cetewayo e seus vizinhos brancos* (1882), sobre um rei negro feito coronel de infantaria pelos ingleses. Nessa obra, relatava ainda parte de sua experiência na África. Embora o livro não tivesse alcançado grande repercussão, Haggard continuou a escrever.

Aliando seu talento de ficcionista às experiências vividas em “terras exóticas”, como os britânicos consideravam os países não europeus, escreveu seus dois livros mais famosos: *As minas do Rei Salomão* (1885) e *Ela* (1887). O desconhecido, o misterioso, as paisagens selvagens e os povos estranhos exerciam um grande fascínio sobre os leitores britânicos. Haggard escrevia sólidas e vigorosas narrativas em uma época na qual o romance de aventuras era muito apreciado. Suas personagens são fortes e vibrantes, expressando-se mais através da ação que do pensamento. Da mesma forma que apoiava a política colonialista inglesa e acatava a ideia então vigente da “superioridade” natural dos europeus sobre os povos dominados, Haggard acreditava nas virtudes dos nativos africanos que lhe inspiravam os romances. Seus heróis e heroínas são seres cheios de sinceridade; seus atos são comandados por sentimentos simples e universais como amor, ódio, fidelidade, ambição, curiosidade, que os tornam bastante humanos e encantadores aos olhos do leitor.

O ponto de partida de *As minas do Rei Salomão* é a busca ao tesouro e às míticas jazidas de diamantes exploradas pelo Rei Salomão (personagem histórico, rei dos hebreus que viveu entre 1032 a.C. e 945 a.C.). Tal fortuna, escondida num ponto obscuro do continente africano, hipnotizava os aventureiros tanto quanto o lendário país de Eldorado.

Embora tenha escrito vários romances, havia em Haggard um lado extremamente prático: era uma autoridade em migração, agricultura e condições sociais nas zonas rurais. Baseado nos seus sólidos conhecimentos, escreveu dois livros sobre tais assuntos.

Em 1919 foi elevado à categoria de *sir* – título que lhe garantia um lugar na alta nobreza da Inglaterra – pelos serviços que havia prestado ao seu governo.

Sir Henry Rider Haggard morreu aos 69 anos, em Londres, no ano de 1925.

Os companheiros de aventura

É no mínimo curioso que me encontre aos 55 anos tentando escrever uma história. Porque, mesmo sendo leitor regular de novelas e romances, nunca tinha escrito mais do que apenas um depoimento. E isso faz muitos anos, numa ocasião em que buscava esclarecer ao delegado de polícia a morte acidental de um nativo. Daí tantas dificuldades para começar este relato, mesmo tendo em conta uma larga experiência de vida e muitos empreendimentos realizados.

Sim, porque, no tempo em que os demais jovens ainda estavam na escola, eu já garantia meu próprio sustento comerciando nas colônias sul-africanas. E desde aquela época exerci os mais variados ofícios, até chegar a caçador. No entanto, trabalhando duro por várias décadas, só bem recentemente consegui fazer fortuna. É bem verdade que não voltaria a viver os acontecimentos dos últimos 18 meses, ainda que tivesse todas as garantias de sobreviver são e salvo, além de tornar-me imensamente rico.

Mas, por que então tentar essa empreitada tão inusitada?

Primeiro, porque Sir Henry Curtis e o Capitão John Good gostariam de ver esta narrativa impressa.

Depois, porque me encontro impossibilitado de ir a qualquer lugar, com dores atrozes na perna que me obrigam a coxear muito. Consequência de uma antiga mordida de leão, que volta a incomodar todos os anos, na mesma época.

A terceira razão tem a ver com meu filho Harry, atualmente estudando Medicina num hospital de Londres, a quem gostaria de oferecer um motivo de distração.

A quarta e última razão: a história que me proponho a contar é, sem sombra de dúvida, a mais extraordinária dentre todas as que conheço.

Os kakuanas possuem um ditado curioso e sábio: “Lança afiada não precisa de brilho”; e os colonos sul-africanos costumam dizer que “Pouco a pouco se percorre o caminho”. Assim, vou iniciar a caminhada, compensando minha falta de brilho literário com o fiel detalhamento dos acontecimentos...

Há cerca de um ano e meio conheci Sir Henry Curtis e o Capitão Good na África do Sul.

Depois de uma expedição de caça aos elefantes pela região de Bamangwato, aliás bastante desastrosa, dirigi-me às áreas diamantíferas, onde vendi o pouco marfim que conseguira. Dispensados os caçadores nativos, negociados bois e carretas, tomei a diligência para a Cidade do Cabo.

Uma semana foi o tempo que consegui permanecer por lá: pouco havia a ver, o tumulto me incomodava e o hotel me explorava descaradamente.

Decidido a regressar a Natal, embarquei no *Dunkeld*, um pequeno navio de fundo chato que aguardava no porto a chegada do vapor *Edinburgh Castle*, procedente da Inglaterra. Na mesma tarde, depois de receber a bordo os passageiros trasladados do barco transoceânico, o *Dunkeld* fez-se ao largo, iniciando a viagem.

Dois dos passageiros recém-embarcados despertaram minha curiosidade. O primeiro, um homem de aproximadamente 30 anos, possuía ombros largos, um peito poderoso e os mais fortes braços que eu já vira; ostentava barba e cabelos ruivos, olhos cinzentos e feição aquilina.